

USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO CUIDADO À SAÚDE POR IDOSAS PARTICIPANTES DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA.

Cristiane Pereira de Sousa Palitot¹; Amanda
Melo Fernandes²; Luciana Martins Couto³; Maria das Graças Melo Fernandes⁴

*1 Especialista em Gerontologia e Cientista Social pela Universidade Federal da Paraíba;
cristianesousa@yahoo.com.br*

2 Graduanda do Curso de Medicina pela Universidade Federal; amanda_motiva@hotmail.com.

*3 Enfermeira e terapeuta na Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa
luccout_8@hotmail.com*

*4 Doutora em Sociologia; Docente da Universidade Federal da Paraíba;
graacafernandes@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

Ante o aumento do envelhecimento populacional, a velhice vem se tornando gradativamente uma preocupação no âmbito social, econômico e político. Isso tem impulsionado, de algum modo, o atendimento das necessidades e demandas dessa população, sendo criadas, além das políticas públicas específicas para as pessoas idosas, a exemplo da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e o Pacto pela vida (BRASIL, 2006), novas práticas, como foi o caso da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) que surgiu para complementar o atendimento e melhorar a saúde dos idosos.

Foram incluídas na PNPIC várias práticas existentes e legitimadas em diversos sistemas municipais de saúde do país, uma dessas é a Terapia Comunitária Integrativa (TCI), que foi idealizada pelo doutor em psiquiatria e antropologia Adalberto de Paula Barreto, na Universidade Federal do Ceará, a partir de sua experiência com os moradores da favela do Pirambu em Fortaleza-Ceará, no ano de 1987. A TCI foi implantada desde agosto de 2008 na rede SUS e na Estratégia Saúde da Família (ESF) e

acompanha a mudança de uma política assistencialista para uma de participação solidária, que têm como seus objetivos centrais a promoção da saúde e o desenvolvimento comunitário e social da população (ANDRADE et al., 2009).

Em João Pessoa, a TCI foi inserida na rede de cuidados no ano de 2004, e se expandiu a partir de 2007, com o início da formação de terapeutas comunitários para atuarem na rede básica de saúde (ROCHA, 2010, p. 15). Para sua implementação são realizadas rodas de terapia tanto na ESF quando em locais específicos para as práticas de atividades, como os Centros de Práticas Integrativas e Complementares (CPICCS), vinculados à secretaria municipal, que oferecem atividades terapêuticas diariamente, a toda a população. Pessoas de várias faixas etárias participam das rodas de TCI, dentre elas, mulheres idosas, pois ela valoriza a vivência de cada pessoa como elemento importante na concretização de saberes, e desenvolve ações de base terapêuticas.

Considerando essa perspectiva, é interessante discutir sobre este tema, visto que as práticas integrativas e complementares do SUS, dentre elas, as plantas medicinais, atuam juntamente com as práticas biomédicas na prevenção e tratamento de doenças, sobretudo numa parcela idosa da população. Desse modo, foi delimitado como objetivo desta pesquisa compreender os saberes populares referentes ao uso de plantas medicinais no cuidado à saúde de mulheres idosas que participam de rodas de Terapia Comunitária Integrativa de um serviço municipal de saúde

METODOLOGIA

A abordagem utilizada neste estudo foi a qualitativa, através da história oral e história de vida subsidiada pela entrevista semiestruturada, por meio do uso do gravador. A pesquisa foi realizada no Centro de Práticas Integrativas e Complementares – Equilíbrio do Ser, da prefeitura municipal de João Pessoa, durante os meses de junho e julho de 2015, com cinco mulheres, com idade entre 65 e 79 anos.

Iniciou-se a pesquisa por meio da participação de duas rodas de Terapia Comunitária, que acontece nas segundas-feiras, das 08:30 às 10:30h, para conhecer as participantes e fazer os contatos iniciais. Como critério de escolha das idosas, foi utilizado o fator idade, procurando-se observar, durante o processo interativo estabelecido entre as mulheres no contexto das rodas, àquelas mulheres mais comunicativas. Após a primeira roda, conversamos com duas senhoras, explicamos sobre a pesquisa e já marcamos a primeira entrevista. Na semana seguinte, ao final da segunda roda, dialogamos com as demais idosas e agendamos as entrevistas, as quais foram feitas nas suas residências. Antes de iniciar as entrevistas, foi apresentado e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação no estudo, todas concordaram e assinaram-o. A fim de resguardar a identidade das entrevistadas, nos relatos transcritos, foi atribuído a elas o nome colaboradora, seguido de um dos números, de 1 a 5, de acordo com a ordem das entrevistas. Desta forma: C1 até C5.

No que se refere às questões éticas, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação e recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, conforme recomendações da Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As plantas medicinais correspondem as mais antigas “armas” empregadas pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, a utilização de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2007, p. 93). Sua utilidade resulta de uma série de influências culturais, como a dos colonizadores europeus, indígenas e africanos. (AMORIM et al., 2003, p. 67). A utilização de chás, baseia-se em experiências adquiridas ao longo da vida, sendo repassadas, normalmente, entre as gerações, ou seja, estão ligadas a tradições e costumes socioculturais” (SIQUEIRA et al., 2006, p. 69). A seguir temos alguns depoimentos da utilização e chás usados para os mais diversos problemas de saúde.

O chá de endro, é indicado para doenças do coração, neste caso específico, para a isquemia.

Olha, tem tomado também muito chá de endro para o coração, é muito bom. Eu sou hipertensa e tenho um, fiz uns exames semana passada e tenho isquemia. O endro é bom para o coração, para todo problema. A pessoa toda noite pode fazer antes de dormir, toma aquela xícara de chá de endro. (C4)

São muitas as formas de utilização e as indicações que foram relatadas. O chá da folha de pitanga com limão foi usado por uma das idosas para combater a febre que antecedeu o surgimento da erisipela, sendo também descrita a maneira como é preparado o chá:

Eu disse olha, vai ali e faz o chá que é o remédio, chá da folha da pitanga. A pessoa pode estar se queimando de febre, olha, se quiser sair erisipela nele, em qualquer parte do corpo, é tomar o chá da pitanga com limão que joga a febre pra fora, sai a erisipela onde tiver de sair e se não tiver a erisipela, combate à febre. O chá da folha de pitanga com limão. [...] É feito assim: a gente bota a água pra ferver e pega umas cinco folhinhas da pitanga, aí bota numa vasilha com a banda de limão dentro, bota a água pra ferver, quando ferver, tira de dentro e deixa ficar morno, abafa e quando tiver bem morno, a pessoa toma. (C2)

Uma das colaboradoras (C3) relatou que sofreu um grave acidente e fraturou o fêmur e a perna, ficou acamada por alguns meses, sendo indicado por conhecidos e vizinhos o uso de chá de mastruz com leite. Ela tomava todos os dias e relatou que esse chá é indicado para ajudar na recuperação e regeneração óssea

Aí comecei a tomar, eu tomava mastruz com leite, eu chorava, porque ô bichinho ruim! O povo é tão sem noção que enchia uma xícara todinha, espremia no pano, aí botava leite, botava mel. Se eu me mexesse era dor, era dor, de morrer. Eu também tive a fratura na bacia, na perna. [...]Ele (o mastruz), tem um procedimento de, como se fosse gesso né? Ele liga, ele cura. Vai juntando, vai juntando e fica normal [...]. Agora tem que ter cuidado porque não pode tomar com sementes, a semente é tóxica, tem que ser as folhas. [...] Pisa no pilão ou então bate no liquidificar né? Aí espreme num pano, bota na xícara e bebe, depois de feito o sumo, não é chá, é sumo. Também serve para tuberculose, o mastruz. (C3).

O Chá de Quebra-pedra e de Cana-da-índia foram utilizados para infecção nos rins.

Chá da raiz de quebra-pedra para os rins e chá ... deixa eu lembrar o nome da planta ... cana-da-índia, as folhas de cana-da-índia. Bota pra secar, aí faz esse mesmo processo, tira um pouquinho, bota numa xícara, bota água fervendo e deixa esfriar, aí vai tomando. Ela serve para os rins, tava com infecção nos rins, não tinha pedra, não. (C1)

O chá da folha de graviola foi usado, tendo como indicação a diminuição na taxa do colesterol:

Já tomei para o colesterol o chá da... tem a pinha e tem a outra, como é? Graviola, chá da folha de graviola seca, para diminuir o colesterol. Mas é pra beber como quem tá bebendo água. Você tira uma porção, bota numa vasilha e bota água fervendo dentro e abafa. Ai quando tá frio, bota na geladeira e vai tomando. (C5)

Outra prática observada é o uso do medicamento alopático juntamente com o chá. Essa interação em alguns casos não proporciona o efeito desejado por quem faz o uso. Alguns autores desaconselham o uso de plantas medicinais ou de partes destas, concomitantes com o uso de medicações alopáticas (SHENKEL, 1996). No entanto, o uso do chá associado ao medicamento, muitas vezes até ingeridos juntos, demonstra a crença e a confiança na planta e em seus poderosos efeitos terapêuticos. Desse modo, dependendo dos efeitos colaterais, associados geralmente aos medicamentos alopáticos, estes, em algumas situações são suspensos para dar lugar somente ao chá.

Uma das colaboradoras utilizava um medicamento indicado para a hipertensão, prescrito pela médica. Associado ao comprimido, ela tomava o chá de alecrim, indicado para controlar e diminuir a pressão arterial. No entanto, o medicamento alopático causava-lhes muitos efeitos colaterais enquanto o chá não causava nenhum. Por este motivo, ela decidiu suspender o uso do medicamento e continuou tomando apenas o chá. O efeito, segundo a colaboradora, foi bastante positivo.

Eu agora tava tomando o medicamento da pressão, mas estava inchando os pés. Viajei para Natal para visitar meu filho e nem levei o remédio pra não tomar. E lá nós andamos [...] mas os pés não incharam. Na segunda, quando eu cheguei aqui eu tomei e na terça os pés amanheceram um pato (risos). Parei de tomar. Tô tomando toda noite o chá de alecrim, tanto faz tomar ela alta como ela baixa. (A pressão). (C2)

CONCLUSÃO

Evidenciou-se, através das falas das colaboradoras envolvidas nesta pesquisa a necessidade de diálogo entre profissionais de saúde e os entes recebedores do cuidado e terapêutica sobre a importância, limites e riscos do uso inadequado das plantas para esse fim. Os métodos de tratamento de doenças adotados e prescritos por aqueles que detêm o conhecimento da medicina são, em muitas ocasiões, substituídos por práticas populares, advindas de conhecimentos adquiridos a partir da oralidade, ensinamentos esses transmitidos pelas mães, vizinhos, familiares, que traz toda essa simbologia de sentidos, confiança e crença de que a utilização de plantas enquanto remédio para alguns males, efetivamente se concretiza através da melhora ou da cura e que, mesmo com seus efeitos tóxicos, mas, tomado adequadamente, não causa efeito colateral nenhum.

REFERÊNCIAS

AMORIM E. L. C. et al. Fitoterapia: instrumento para uma melhor qualidade de vida. **Infarma**, Brasília, v. 15, n. 1/3, p. 66-9, jan./mar. 2003. Disponível em: <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=848&path%5B%5D=621>. DOI 2318-9312. Acesso em: 15 mar. 2015.

ANDRADE, L.O.M. et al. **O SUS e a Terapia Comunitária**. Fortaleza: UFC, 2009, p. 70.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Portaria nº 2.528/06. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2528%20aprova%20a%20politica%20nacional%20de%20saude%20da%20pessoa%20idosa.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59-62. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 20 jun. 2015.

OLIVEIRA C. J.; ARAÚJO T. L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. v. 9, n. 1, p. 93-105, 2007. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1/v9n1a07.htm>. DOI <https://doi.org/10.5216/ree.v9i1.7138>. Acesso em: 15 mar. 2015.

ROCHA, I. A. **Desvelando histórias de idosos nas rodas de terapia comunitária integrativa**. 2012. 106f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2012.

SIQUEIRA, M. K. et al. Crenças populares referentes à saúde: apropriação de saberes socioculturais. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 68-73, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000100008&script=sci_abstract&tlng=pt. DOI 10.1590/S0104-07072006000100008. Acesso em: 10 mar.2015

SHENKEL E. P. **Cuidados com medicamentos**. Florianópolis (SC): UFSC, 1996.